

## HISTORIA, ORALIDADE E OS MUNDOS DO TRABALHO: NOTAS SOBRE TRABALHADORES DA CARNAUBA NO CEARA - PASSADO E PRESENTE.

William J. Mello\*  
Telma Bessa Salles\*\*

### Resumo:

Este artigo examina algumas questões preliminares surgidas a partir de um projeto de pesquisa acerca do trabalho e dos trabalhadores na extração de carnaúba no norte do Ceará. Entre as muitas questões, tanto metodológicas quanto empíricas sugeridas, situam-se os limites da história oral do trabalho e da memória, bem como as percepções conflitantes entre o passado e o presente ao explorar as condições do trabalho na extração de carnaúba.

**Palavras-Chaves:** Carnaúba, Trabalhadores, História Oral e Memória Social.

### Abstract:

This article examines preliminary questions that emerged as a result of an ongoing research project exploring the conditions of carnaúba workers in Ceará. Among the many aspects, both methodological and empirical, are the limits of the oral history of work, memory and conflicting perceptions of past and present conditions of workers in the extraction of carnauba.

**Keywords:** Carnauba, Workers, Oral History and Social Memory.

**Recebido:** 11/04/2016

**Avaliado:** 18/07/2016

---

\* William J. Mello, Professor Doutor em História e Política, Departamento dos Estudos de Trabalho, Indiana University, Professor afiliado do Center for Latin American and Caribbean Studies (CLACS) de Indiana University e Professor Visitante no Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) na Universidade Estadual do Ceará.

\*\* Telma Bessa Salles, Doutora, Professora, de História na Universidade do Vale de Acaraú. Pós doutorado na Universidade de Évora, Portugal (2015).

## Considerações Iniciais

As obras de Thompson têm sido á sua maneira, tanto uma intervenção militante no presente como uma recuperação profissional do passado. Estas obras de história tem sido também contribuições deliberadas e centrais à teoria: nenhum outro historiador marxista esmerou-se tanto em confrontar e examinar sem insinuações nem circunlóquios as difíceis questões conceituais surgidas em sua investigação.

(Perry Anderson)<sup>1</sup>

Nada mais salutar do que começarmos este artigo com a epígrafe acima citada, que nas entrelinhas nos sugere os desafios em relação ao ofício do historiador. A despeito de inúmeros tratados, colóquios, livros, conferências e artigos ao longo do tempo, destacamos neste ofício, além das concepções teóricas, o gosto pela prática da investigação e o desejo de mudança social em diálogo com a sociedade. Há, sem dúvida, o sabor, o tom, a poesia, a canção, o não-dito, a perspicácia, a palavra, o discurso, a escrita, os documentos, as experiências e como assinala Edgar Salvadori de Decca, *a força da obra de Thompson está também no seu modo de escrever*<sup>2</sup>.

Como sugere o excerto de Perry Anderson, para estudar o passado, para se chegar ao fundo das coisas, implica, em certa medida, algumas indagações e dúvidas que se tornam permanentes nesse caminho. Há, a nosso ver, um ‘divisor de águas’ no mar infinito de estudiosos e suas elaborações teóricas: a capacidade profissional e a paixão pela atuação militante na sociedade em transformação como compromisso inerente a sua concepção de trabalho intelectual.

Porém a atuação militante não pode atenuar o olhar crítico intelectual do historiador ao examinar as fontes, que se torna uma tarefa particularmente complexa na história oral. Isto é, não podemos aceitar o narrado com prova definitiva, mas sim um olhar temperado pelos anos, a condição econômica e o contexto em que as entrevistas são construídas e inseridas na pesquisa. Como argumentou Carlos Ginzberg, “[...] *raramente a fenda entre as reflexões metodológicas e a prática historiográfica estiveram tão pronunciadas como nas últimas décadas* [...]”<sup>3</sup>.

O que nos leva a dedicação pela pesquisa histórica do trabalho? Por que escolhemos sujeitos dos mundos do trabalho para estudar e, de certa forma, entender a realidade social ontem e hoje? Para nós que chegamos ao século XXI, importa beber ainda, de uma fonte inesgotável: dos ensinamentos e reflexões de estudiosos que marcaram a historiografia contemporânea do trabalho na esteira de E.P. Thompson, Eric Hobsbawm e David Montgomery, entre outros. Sem embargo, acreditamos que seus escritos nos aproximam dos desafios da construção do

<sup>1</sup> Anderson, Perry. **Teoria, Política E História. Um Debate com E.P. Thompson**. Siglo XXI, Madri, (2012). Especificamente a tradução acima se encontra em **Arguments Within English Marxism - Do Debate Thompson – Anderson em Teoria, História e Política**. Trabalho do Roberto Della Santa apresentado no VIII Colóquio Internacional Marx-Engels (CEMARX) 2015/ IFCH/ Unicamp. P.2.

<sup>2</sup> DECCA, Edgar, Salvadori de. **E.P.Thompson: Uma Personagem Dissidente e Libertário**. In: **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP)**. São Paulo Vol. 12, 1995. P.116.

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlos. *History, Rhetoric and Proof*. University Press of New England, London and Hanover, 1999. P.1

conhecimento a partir das experiências dos sujeitos sociais e seus respectivos processos constituintes. Estes pesquisadores e escritores sempre estiveram atentos, como argumentou Thompson em *A Formação da Classe Operária Inglês*, aos “becos sem saídas” ou “causas perdidas e os próprios perdedores”.

É com esta dimensão e reconhecendo a importância da busca incessante e a inclusão de novas fontes na investigação histórica, que se estabelece um olhar diferenciado na história do trabalho com uma metodologia de cruzamento de fontes como entrevistas e narrativas dos interlocutores na pesquisa, além de jornais, imagens e documentários. Ao mesmo tempo para a história do trabalho torna-se essencial uma prática metodológica que permita a intercessão de diferentes disciplinas e fontes para expandir e aprofundar as múltiplas formas pelo quais os trabalhadores interagem e influenciam a sociedade mais ampla. Neste sentido entendemos que a prática da transdisciplinaridade é indispensável para que se possa desenvolver o estudo histórico que não está constrangido pelos limites metodológicos de uma única disciplina e permite entender o trabalho como um processo histórico e transformativo que impacta vastos aspectos do desenvolvimento social, político, cultural e econômico.

Entendemos que diferentes perspectivas historiográficas e as transformações da sociedade contemporânea, tem permitido buscar e aprofundar as relações entre memória e história, colocando assim novas importantes questões. Deste modo possibilita também o debate sobre a necessidade da postura do pesquisador no exercício da profissão, consciente desta gama de possibilidades. Como assinala Alessandro Portelli.

[...] A entrevista é um momento no qual se encontram experiências de vida diferentes. E assim, vai se constituindo uma maior proximidade, o que chamamos de teias das relações sociais e por extensão a própria história[...]<sup>4</sup>

Com isso, compreendemos que o ato de entrevistar é uma relação que se constrói entre as pessoas envolvidas, com diferentes trajetórias e saberes plurais, deste modo, um diálogo que demanda não só uma prática aperfeiçoada, mas o reconhecimento dos constrangimentos socioeconômicos que podem influenciar seu resultado.

<sup>4</sup> PORTELLI. Alessandro. A Filosofia e os fatos. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro: Relúme – Dumará, v. 1, p. 59-72, 1996. P. 7.

## Oralidade, Classe e Memória Social

Especificamente, no que se refere a prática da história oral dos trabalhadores é essencial reconhecer a estrutura pelo qual *classe* poderá influenciar a relação entre entrevistador e entrevistado e definir os rumos e conteúdo da própria pesquisa. Assim, as relações desiguais de poder oriundas das diferenças de classe social existentes na sociedade mais ampla, poderão e muitas vezes influenciarão, os rumos da prática de história oral. Comentando sobre suas práticas de pesquisa junto a mineiros na região mineradora da Appalachia nos Estados Unidos, Portelli notou:

Foi uma aula na metodologia da prática de campo: a coisa mais importante que eu poderia oferecer era minha ignorância e desejo de aprender. Em Los Angeles eu ouvi uma piada racista sobre a população da Appalachia, sobre um “doido” do Harvard que “não estuda nada, ele está sendo estudado”. Bem, eu estava aí para aprender deles e sobre suas vidas e não estuda-los. Era o que eu não sabia que encorajou as pessoas a falar comigo, sabendo que estavam me- ajudando e não sendo ajudados<sup>5</sup>.

Ainda mais, para além das diferenças socioeconômicas entre entrevistador e entrevistado, também deve ser considerado o mundo em que estas vidas se desenvolveram. Neste caso, especificamente, as vastas diferenças entre a vida rural e urbana, que no mínimo põe em questão os cuidados que o historiador deve tomar ao se aproximar dos sujeitos da sua pesquisa. Para os historiadores, esta questão não é facilmente resolvida. Neste sentido, as perguntas de Raymond Craib são pertinentes, quando indaga:

Existe uma visão específica do mundo do camponês? Existe essencialmente uma experiência específica do camponês? Será que esta visão não passa de uma “nostalgia imperialista” de um passado rural e uma perspectiva que jamais existiu? Ou será que esta visão realmente captura reais modos de organização social e econômica, experiências não facilmente compreendidas por historiadores contemporâneos, cuja formação esteja informada pela experiência urbana e suburbana? E, se existe uma visão camponesa do mundo, como poderá o historiador – invés de um crítico cultural ou novelista, representa-la?<sup>6</sup>

Neste “jogo” o entrevistador (pesquisador), que quase sempre é visto como “intelectual”, e nesta condição se coloca, quer saber o que o narrador tem a lhe contar acerca do seu objeto de pesquisa. Assim, “O protagonista”, passa a ser o seu depoente, ou melhor, o seu narrador. Saber ouvir é uma das missões mais importantes no exercício da pesquisa na prática da história oral, mas não é a única. E é nessa “dança a dois” que vai se constituindo uma relação de diálogo e confiança, onde não só o pesquisador pergunta, mas também responde, por que quer saber suas histórias, respeitando também os limites impostos pelo narrador, que muitas vezes, não são

<sup>5</sup> PORTELLI, Alessandro. **They Say in Harlan County. An Oral History**. Oxford University Press, Oxford and New York, 2011. P.7.

<sup>6</sup> CRAIB, Raymond, B. “Peasants, Politics and History: Teaching Agrarian History and Historiography”. In. **Radical History Review**, volume 88, pp. 178-191, New York, 2004.

propriamente dele, mas que são próprios da sua memória, no espaço socioeconômico e cultural que habita, no momento em que se coloca a narrar, bem como esquecimentos, avanços e recuos no tempo e no espaço.

Especificamente, a metodologia de história oral nos coloca questões como: uma coisa é o fato narrado, outra é o fato acontecido, assim devemos estar atentos pois as narrativas que analisamos dizem respeito, a fatos que se fazem importantes para os narradores, no momento que narram essas memórias, ou seja, fatos que serão evidenciados por eles, são fatos significativos para eles. Desta forma, como assinala Yara Khoury:

Nosso propósito de lidar com as narrativas como práticas que se forjam na experiência vivida e que, também, intervêm nela, nos coloca o desafio de adotar e desenvolver procedimentos que nos possibilitem apreender o trabalho da consciência e incorporá-lo na explicação histórica. Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu ponto de vista. Nesse sentido, temos enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delinham horizontes possíveis da realidade social<sup>7</sup>.

Ao buscar na memória dos trabalhadores dos carnaubais, indícios do passado, dois problemas (entre vários) se destacam. Primeiro, a questão do tempo histórico, isto é, neste caso, a relação entre o passado e o presente, aonde o presente serve como meio para entender o passado. Nesta perspectiva Pierre Laborie argumentou:

Através da rememoração de fragmentos do passado, cada memória social transmite ao presente uma das múltiplas representações do passado que ela quer testemunhar. Entre diversas outros fatores, ela se constrói sob a influência de códigos e das preocupações do presente, por vezes mesmo em função dos fins do presente.<sup>8</sup>

Neste sentido ao tentar conceber o passado do trabalho nos carnaubais, o presente se torna um importante mecanismo para chegar ao passado, principalmente ao buscar entender as condições pelas quais os trabalhadores foram (e são) submetidos. Mas a memória, e sua relação com o tempo e espaço, também é objeto de debate, neste caso como Laborie anotou: *As encruzilhadas e as passarelas entre opinião e memória[...]. Teoricamente é fácil estabelecer distinções entre opinião e memória, mas o mesmo não ocorre quando os dois fenômenos se entrelaçam*<sup>9</sup>.

Com esta perspectiva convidamos a entrar pelos caminhos abertos do trabalho no sertão cearense: não as corporações da economia formal, como a indústria calçadista, têxtil ou metalúrgica. Vamos olhar os trabalhos nos carnaubais cearenses e os seus trabalhadores, que contemplam atividades desde o *vareiro* ao *exportador* da cera, se movendo entre a atividade econômica formal e informal que alavancou o trabalho na região ao longo do século XIX.

<sup>7</sup> KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. In: **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). São Paulo: EDUC. **História e Oralidade**, n. 22, p. 125, jun. 2001.

<sup>8</sup> LABORIE, Pierre. **Memória e Opinião**. In Cultura Política, Memória e Historiografia, Azevedo et. al Org. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2009. P. 80.

<sup>9</sup> Ibid. P. 81.

## Experiências Múltiplas: Vareiros, Aparadores e Comboieiros.

A carnaúba é uma palmeira nativa da região semiárida do Nordeste brasileiro, principalmente nos estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Componente importante das matas ciliares, esta espécie é responsável direta pelo equilíbrio ecológico regional, em especial, à conservação dos solos e a proteção fluvial contra a formação de processos erosivos. Porém, sua importância não se limita somente a função de regularização ecológica, mas desempenha um papel fundamental na vida social e econômica do semiárido.

De acordo com Oscar Arruda D’Alva, as populações indígenas e sertanejas souberam fazer da carnaúba uma planta de múltiplas utilidades: as raízes têm aplicações medicinais, o tronco é utilizado em construções, o palmito e os frutos servem como alimentação nutritiva para os animais de criação e as palhas. Além de aplicadas na confecção de utensílios, produzem uma cera detentora de qualidades excepcionais <sup>10</sup>.

A imagem de Percy Lao no Anuário de 1960, ilustra algumas das utilidades da carnaúba:



Percy Lao. REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA V. 5. n. 2 p. 282 abril - junho de 1943 localizado na coluna Tipos e Aspectos do Brasil.

Luís de Câmara Cascudo enfatizava que a carnaúba, devida sua expansiva utilização, gerava renda para milhares de trabalhadores, “é a cobertura do casebre, o chapéu, a esteira, o esteio da casa, utensílios domésticos, alimentação, combustível e a geração de emprego. Para a economia vale a produção cetrífera e, de correntemente, a palha para cem misteres.”<sup>11</sup> Segundo Câmara Cascudo, de acordo com levantamentos do período, em 1941 havia 15,147 carnaubais em 50 municípios.<sup>12</sup> Em 1950 levantamentos apontam que quatro municípios tinham mais de um

<sup>10</sup> D’ALVA, O. A. **O extrativismo da carnaúba no Ceará**. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. P.19.

<sup>11</sup> “A Carnauba.” Luis de Camara Cascudo, in **REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA**, V. 26 n.2 abril-Junho, 1964. P.195.

<sup>12</sup> *Ibid.* p. 173.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

milhão de árvores carnaubeiras adultas que floravam regularmente, sendo localizados respectivamente em Russas 2,152,388; Granja 1,886,449; Limoeiro do Norte 1,482, 236 e Caucaia 1,232,236 árvores.<sup>13</sup>

No século XIX no Ceará e, particularmente, na cidade de Sobral, destacou-se a produção de algodão, oiticica, castanha de caju e cera de carnaúba. Esta última também forneceu matéria prima para confecção de produtos de palha, tais como chapéus, bolsas e tapetes, sendo merecedora do título de “capital mundial do chapéu de palha”<sup>14</sup>.

Entre a série de produtos que a Carnaúba forneceu, o chapéu de palha é provavelmente o mais tradicional deles. É comum vê-los nos eventos populares, feiras e locais de comércio. Em qualquer cidade do Ceará a venda e uso do chapéu de palha é muito comum e, pode se dizer, que o mesmo se tornou uma marca registrada do povo do semiárido. Mas isso não quer dizer que este, parou no tempo e se restringe à palha bruta e mal-acabada, como era no século XIX. Em Sobral, a tradição de produção e venda de chapéus sempre foi expressiva, e não se limitou a produção artesanal, resultando assim, na criação de fábricas que, durante anos comercializaram o produto.



Blog Vento Nordeste papjerimum.blogspot.com.br/ acessado 12/09/2017

Também no presente, a carnaúba não é só para fabricação de chapéus de palha e cera, suas utilidades são mais variadas e suas aplicações muito mais diversas como a citação abaixo ilustrou:

Os produtos extraídos da carnaúba produzidos unicamente no Brasil são utilizados em diversas indústrias nos Estados Unidos, Europa e Japão. Além da destinação já conhecidas nas indústrias da construção civil, cosméticos, lubrificantes automotores, impermeabilização de produtos alimentícios, a cera da carnaúba é utilizada ainda na fabricação de chips de computadores e códigos de barra.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Ibid. p. 175.

Ao dialogarmos com as narrativas dos trabalhadores da carnaúba, propomos inserir na história da cidade um sujeito histórico pouco reconhecido, suas experiências, subjetividades e modos de vida. Assim buscamos entender como estes sujeitos sociais atuam em seus tempos e seus espaços e os problemas de representação a partir das suas memórias. Pensar a história através das narrativas dos próprios entrevistados significa também, a ampliação do campo da pesquisa histórica, e as formas de interpretação moldadas pela relação entre a cidade e o campo. Como Verena Alberti argumentou:

[...] entender como pessoas e grupos experimentam o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas. [...] A capacidade da entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica - isto é, permite a “mudança de perspectiva.”<sup>17</sup>

Com esta dimensão compreendemos que a pesquisa não reproduz a realidade, que é, também, uma construção, uma interpretação. Assim, explicitar as memórias plurais dos trabalhadores incentiva os debates, as conversas, remete às reflexões, traz à tona diversas histórias e memórias, de diversos sujeitos. Reconhecendo e dialogando com as muitas memórias que nos apresentam na pesquisa, sabemos que não somos os únicos capazes de interpretar o vivido. A partir dos documentos e dos relatos dos trabalhadores, construímos um texto que entende a memória como um campo de disputa. A memória é social. Nesse sentido, compreendemos que como argumentou Khoury, *memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais*.<sup>15</sup> Sob esta perspectiva de trabalho o historiador também participa destes debates quando se explicita, dá visibilidade a outras memórias produzidas. Portanto, as interpretações dos trabalhadores ajudam a construir esse diálogo com outras compreensões. E a partir destes enredos, buscamos as várias leituras da vida e do trabalho na perspectiva dos próprios trabalhadores, compostas nas suas memórias narradas.

O estudo sobre os trabalhadores dos carnaubais surge a partir de várias inquietações e diálogos com elementos que constituem a memória da cidade de Sobral: e no enfoque do mundo do trabalho, apresentar e configurar pesquisas sobre este segmento, percebendo de forma explícita suas memórias.

Neste sentido, ao se falar da cidade, do trabalho, do cotidiano sobralense, surge outra abordagem qual seja: novos sujeitos que se constituem expressando suas memórias e experiências no mosaico que compõe a memória social. A pluralidade das narrativas, as diversas experiências dos trabalhadores demonstram que existem diferentes maneiras de viver e interpretar o vivido. Assim, é importante que tal compreensão seja explicitada para que haja uma potenciali-

<sup>15</sup> Op.Cit. Koury. P.118.

zação e uma maior percepção da riqueza existente nas narrativas desses sujeitos sociais como assinala Michael Pollak, [...] *A história tal como a pesquisamos pode ser extremamente rica como produtora [...] de novas interpretações. A história está se transformando em histórias, histórias parciais e plurais*<sup>16</sup>. Mas a história oral não pode ser entendida como convite para perdurar a fragmentação da narrativa histórica. Pelo contrário, a prática da história oral é um processo acumulativo e pode fazer importantes contribuições para a construção de uma síntese expansiva do processo histórico pesquisado.<sup>17</sup> Como Alberti sugeriu:

Ora, numa entrevista de história oral, essa busca de sentido e de síntese se faz a todo momento, não só com relação à trajetória de vida do entrevistado, como também com relação a todo o passado em questão. Os relatos vão ganhando sentido à medida em que vão sendo narrados, acumulando –se uns aos outros. Uma entrevista de história oral é também um projeto de por em ordem, de dar sentido em coerência, de totalizar, portanto, a experiência antes fragmentada.<sup>18</sup>

Há estudos sobre o mundo do trabalho em Sobral destacando os trabalhadores pioneiros da ferrovia e do porto de Camocim, os trabalhadores das indústrias de cimento, da tecelagem e mais recentemente, da indústria de calçados (Grendene). Pouco sabemos, entanto, sobre as falas dos trabalhadores da carnaúba. Sobre o processo de tiragem das palhas, da secagem, do fazer a cera. O trabalho com a carnaúba remete a imagens de homens envoltos em palhas e poeiras, imersos na mata sertaneja. Na verdade, não sabemos e nem imaginamos a complexidade que é a organização das funções e tarefas desenvolvidas pelos trabalhadores. Em muitos casos a história oficial das indústrias e das cidades, deixam de reconhecer o papel central dos trabalhadores no processo de desenvolvimento socioeconômico, e mais ainda, a complexidade do processo de trabalho, mesmo que este - ainda em nossos dias, seja uma atividade manual. Assim, ignoram o papel de parcelas significativas das populações no processo histórico e na atividade econômica. Como argumentou Eric Hobsbawm:

A visão comum de uma indústria composta, quase em sua totalidade por trabalhadores casuais e sem instrução é um grosso erro de representação. Pelo contrário: os carregadores de carne e trigo, mineiros e nas salinas, o portuário que carregou os navios com os produtos de exportação tinha que ter as qualidades de um metalúrgico qualificado – não só a força e destreza, mas frequentemente as qualidades de um trabalhador altamente qualificado e/ou supervisor – iniciativa, vasta experiência e a capacidade para tomar decisões e atender as necessidades ... e supervisionar homens<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Vol. 5, n.10, , 1992. P.209.

<sup>17</sup> Ibid. P. 212

<sup>18</sup> **A Vocação totalizante de história oral e o exemplo da formação do acervo de entrevistas do CPDOC**. IN: International Oral History Conference (10. 1998: Rio de Janeiro, RJ). Oral History challenges for the 21st. Century: Proceedings [of the] International Oral History Conference. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/ FIOCRUZ. 1998. V.1. p. 2.

<sup>19</sup> HOBBSAWM, Eric. **Labouring Men. Studies in the History of Labour**. Doubleday Anchor Books, New York, 1967. P. 245.

O mesmo é verdade no caso dos trabalhadores de Carnaúba. A hierarquia, combinação de horários, revezamento de turnos e momentos em que todos precisam atuar conjuntamente como afirma o Sr. José Maria Neves:

O primeiro passo pra coisa da carnaúba chama-se os vareiros. Tem o vareiro da vara alta, o vareiro da vara média e o vareiro da vara baixa. Alta, média, baixa. E tem os desenganchador e os aparador. Esses homens costumam ir para o campo cedo, um serviço muito pesado. Inclusive é muito perigoso, quando ela vem de lá <sup>20</sup>.

Aposentado, nascido em Sobral, reside na cidade de Morrinhos e conta que sempre teve convivência com o ambiente carnaubal na sua família:

Sempre gostei de trabalhar com carnaubal, boas recordações. Meu pai quando ele morava na era de 68, ele começou a trabalhar com carnaubal. Ele arrendou o primeiro carnaubal e daí, desde então até ele morrer na era de 2004 Ele disse que ia deixar carnaubal só quando morrer mesmo. Era tradição, meus avós, minha mãe, pais da minha mãe também trabalhava com carnaubal, talvez há 50 anos atrás <sup>21</sup>.

Esta realidade não é uma situação exclusiva do Sr. José Maria Neves. No decorrer das entrevistas, vários trabalhadores enfatizaram que começaram a trabalhar na carnaúba porque havia um irmão, primo, tio, alguém da família que estava na lida da carnaúba. A Sra. Francisca Auranir Rocha, viúva, com 79 anos de idade, teve 13 filhos e nos fala da sua experiência de trabalho na carnaúba em Altim e Mutambeira, localizados nas proximidades a Santana de Aracaráu:

Sabe como e? Já existia esse meio de vida da carnaubeira. Já existia isso quando eu nasci. O meu pai também era um grande negocio de carnaubal, arrendava os carnaubal. Olha, meu pai arrendava carnaubal la do Altim, la perto da Mutambeira, sabe? Ele arrendava lá os carnaubal. E vendia cera para um cara de Sobral, o Adolfo Galvino. <sup>22</sup>

Em outro momento o Sr. José Maria Neves fala do processo produtivo:

[...] meu pai produzia a cera da carnaúba. Extraia o pó e depois do pó fazia a cera. Passava por um processo de decantação e produzíamos a cera in natura, cera bruta. Depois ela ia para as refinarias, para ser beneficiada. <sup>23</sup>

Algumas empresas compravam a cera e o pó da carnaúba como, por exemplo, a Companhia Johnson S.A. que mantinha um escritório em Fortaleza. Até hoje a Johnsons utiliza da Carnauba, como explicou seu gerente geral:

“A caatinga desempenha um papel fundamental no passado e no presente da SC Johnson. Por meio do apoio à preservação da região, ao mesmo tempo em que garantimos uma fonte permanente de matéria-prima, demonstramos o compromisso de longa data da companhia com o país” conta Mauro Ramos, gerente-geral da SC Johnson no Brasil. H. F. [fundador da Johnsons] morreu aos 79 anos, em 1978, e a seu pedido, o filho Sam mandou gravar em sua lápide uma palma da carnaubeira. Em seu site, a associação divulga a primeira parte do documentário "Carnaúba à memória de meu pai" <sup>24</sup>

<sup>20</sup> Entrevistas de Sr. José Maria Neves e Sra. Francisca Auranir Rocha realizados por Cid Morais Silveira no dia 02 de março de 2013.

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> Ibid.

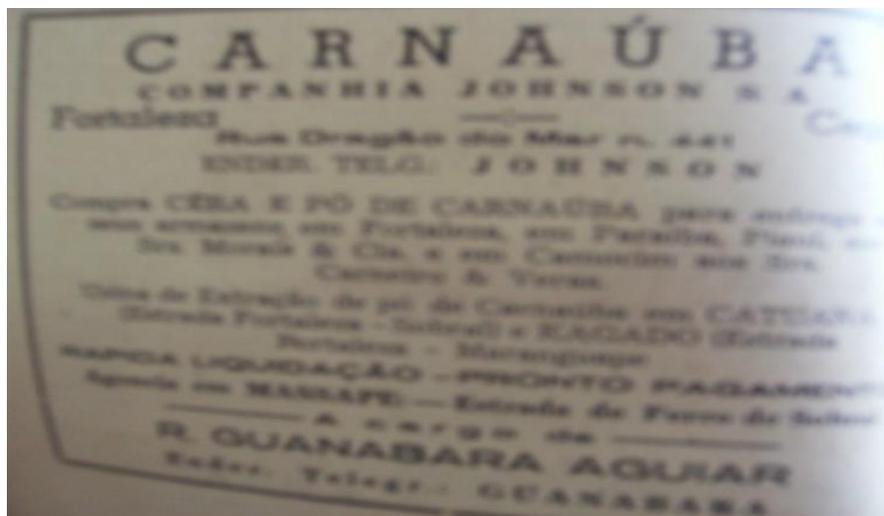
<sup>23</sup> Ibid.

<sup>24</sup> <http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2013/05/empresa-americana-tem-uma-ligacao-de-77-anos-com-caatinga-brasileira.html> - Acessado 21/05/2013.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

A imagem que segue, publicado no Almanaque do Ceará de 1947 ilustra a propaganda do passado:



Almanaque do Ceará, 1947.

Sobre as funções do processo produtivo ele explicou:

Aquele processo simples, bem rústico. Botava nos tachos, aqueles tachos, a gente colocava a água, o pó, botava aquele pó pra ferver, aí quando fervia com 100 graus, fervendo umas duas horas, aí a gente tirava aquele, aquele fogo debaixo do tacho e deixa ele em descanso. Aí quando parava a fervura a gente tirava a cera por cima. Aquele estado de decantação né? Tirava a cera e botava nos tanques, a gente fazia também a cera branca, era mais valorizada, a cera branca<sup>25</sup>.

Nos carnaubais não havia exigências de currículo e a dignidade profissional se formava por meio do dia a dia do trabalho e conhecimentos passados pelos familiares por gerações. É interessante ouvir o comentário do Sr. José Maria Neves a respeito de sua aprendizagem no trato da carnaúba:

Nunca foi feito curso, nem treinamento. Aquilo é tipo um pegou e começou mesmo, por aptidão, por questão de sobrevivência, aí todo mundo vai se interessando, aí eles não passam nem pelo um processo de, digamos assim, de teoria. Eles praticamente vão para a prática. Vão passando de pai pra filho. Eles se tornam habilidosos, profissionais sem nenhuma teoria.<sup>26</sup>

Se hoje a formação profissional é uma exigência para se obter um emprego, nos lugares do sertão há inúmeras atividades aonde o que se exige é a experiência. Porém, em muitas destas atividades, os trabalhadores continuam, sem pagamento justo, nem proteção aos direitos e ferramentas de trabalho. O discurso da implementação das leis trabalhista, do lazer, 'do ócio

<sup>25</sup> Op. Cit. Entrevistas.

<sup>26</sup> Ibid.

criativo' são possibilidades que não chegaram ainda para esses homens e mulheres que trabalharam a vida inteira nesses espaços. A dedicação, o amor ao trabalho e a saudade são sentimentos que afloram nas narrativas, mas não podem ser entendidos como saudosismo para uma vida, que até hoje. Mas um segundo aspecto da entrevista é o que não é mencionado, o fato que o trabalho nos carnaubais em muitos casos ocorre em condições, muitas vezes desumanas.

Neste sentido, para este estudo emerge uma contradição essencial entre memórias idílicas do passado, do trabalho nos carnaubais e as condições dos trabalhadores nos mesmos. Desse modo, enquanto as narrativas minimamente reconhecem os perigos e pesado trabalho nos carnaubais, pouco se fala das condições de trabalho a que estavam submetidos. Esta questão ausente nas narrativas pode ser melhor percebida contrapondo o presente ao passado.

A tensão entre as narrativas do passado e do tempo presente, ilustra uma relação mais complexa, com muitas características de um processo produtivo semelhante em muitos aspectos aquele do século XIX e tudo que isto acarreta para entender a vida dos trabalhadores no Norte do Ceara. Recentes notícias sobre trabalho 'análogo' ao trabalho escravo no Nordeste e particularmente no Ceará, indicam casos que são no mínimo, preocupantes. O conceito de 'trabalho análogo a trabalho escravo' tem base no Código Penal – Decreto Lei número 2848 (07/12/1940) – redação de Lei número 10.803 (11/12/2003) que define:

Reduzir alguém a condição análoga a de escravo, quer submetendo –o a trabalho forçado ou a jornada exaustiva, sujeitando –o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto:

I- Cerceia o uso de qualquer meio de transporte por parte do trabalhador, com fim de retê-lo no local do trabalho.

II- Mantém vigilância ostensiva no local de trabalho ou se apodera de documentos ou objetos pessoais do trabalhador, com fim de retê-lo no local de trabalho.<sup>27</sup>

Assim como os jornais reportaram:

Três trabalhadores em situação análoga a escravidão foram resgatados no município de Acaraú no Norte de Ceará. Os três homens foram resgatados pelo Grupo Especial de Fiscalização Móvel (GEFM) na Fazenda Lagoa do Canes, distrito de Celsolandia em Aracarau. [...] os três homens trabalhavam na moagem de folhas de carnaúba e na extração de pó para fabricação de cera, não dispunham de local para realizar refeições, não havia instalações sanitárias adequadas para as necessidades fisiológicas e higiene pessoais. Os moedores de palha eram obrigados a pernoitar na própria frente do trabalho sem dormitório próprio.

<sup>27</sup> JusBrasil.com, ver também Reporterbrasil.com.br, acessado 11/09/2017.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.



Foto: MTE/ Divulgação, acessado no G1/CE 28/08/2017



Foto: MTE/ Divulgação, acessado no G1/CE 28/08/2017

Para dormir, usavam o interior do baú de um velho caminhão e, ainda dividiam o pequeno espaço com uma máquina de moagem, galões de água e pertences pessoais. O interior do veículo estava infestado de pó e resíduos de palha, a ventilação era precária e não tinham isolamento térmico situação que expunha os obreiros a temperaturas extremas de calor durante o dia e frio a noite.<sup>28</sup>

Similarmente, em 2015, dez trabalhadores na extração de carnaúba em Lagoa da Barra (PI) foram resgatados em uma situação de “análogos” a escravidão. Segundo o Procurador do Trabalho Carlos Henrique Pereira Leite:

Encontramos os trabalhadores em situação de total desrespeito a dignidade humana. Fazendo necessidade físicas no mato, bebendo água da lagoa barrenta, comendo alimentos de baixo teor nutritivo e preparados sem nenhuma higiene.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> G1/CE - acessado 28/08/2017.

<sup>29</sup> Portalodia.com 03/09/2015 – acessado 08/09/2017.

## Considerações Finais

Escrever e pesquisar a história dos trabalhadores no Nordeste, e particularmente no Ceará nunca foi uma tarefa fácil. A falta de documentação e arquivos, aliados a longos anos de repressão política às organizações da classe trabalhadora e dominação feroz das elites regionais, obriga os historiadores a lançar mão de metodologias e fontes poucos convencionais e buscar fundamentação teórica que contribuam para novas formas de entender o passado. Isto se torna ainda mais complexo quando se trata de uma indústria em que as relações e as condições de trabalho, desconsideram a condição humana ainda se desenvolvem encobertas pela densa mata do sertão. Porém, ao enveredar pelo não convencional devemos esperar que rapidamente possam surgir outras dúvidas e paradoxos, teóricos e metodológicos, nem sempre simples. Neste contexto as dificuldades e limites da história oral, da memória e das narrativas devem ser vistas como meios; aonde o que não explicam é tão ou mais importante do que o que é dito. Um raro vislumbre, portanto, na contribuição de um maior entendimento das diversas e duras vidas dos trabalhadores nordestinos. Como Portelli, argumentou: “A história oral e a memória não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”.<sup>30</sup> Este viés interpretativo reconhece que existem múltiplas visões, que há uma pluralidade de memórias e de sujeitos. Estes têm experiências sociais vividas e compartilhadas, que acontecem num ambiente social, num contexto mais amplo e portam narrativas individuais com vasta dimensão social.

<sup>30</sup> Op. Cit. Portelli. *A Filosofia e os Fatos*. P. 70